

Transcrição da Entrevista com o Professor MIGUEL COVIAN

Ribeirão Preto, 02 de agosto de 1991

Participação dos professores:

Anette Hoffman

Werner Antunes

Entrevistadora: Eliane Morelli Abrahão - (Arquivos Históricos do CLE/UNICAMP)

Covian - Primeiro você se apresenta.

Eliane - Eu sou, historiadora com Especialização em Arquivologia e nós estamos começando a organizar um Arquivo no Centro de Lógica com arquivos pessoais de cientistas brasileiros e juntamente com isso nós estamos fazendo entrevistas, colhendo o depoimento oral de cientistas para depois colocá-los à disposição dos pesquisadores. Já foram realizadas algumas entrevistas, inclusive, a última, faz questão de um mês, eu fiz com o professor Oswaldo Vital Brazil, da UNICAMP.

Covian - Como está ele?

Eliane - Está ótimo.

Covian - Mande lembranças a ele se você o encontrar.

Eliane - Inclusive eu preciso levar a parte final da transcrição para ele dar uma olhada, para ver se ele quer tirar alguma coisa, às vezes as pessoas falam algumas coisas, depois não querem que abra ao público e nós cortamos. Essa minha primeira visita é mais para colher dados sobre o senhor, suas realizações, para que eu possa montar um roteiro e vir entrevistá-lo, juntamente com seus ex-alunos. Você foi ex-aluna dele?

Anette - Fui. Quer dizer, eu fui não aluna de graduação, mas a minha formação de Pós-graduação, em grande parte, eu devo a ele.

Covian - Não. Quem foi meu aluno foi Antunes. Que atualmente é (?), pena que ele não está aqui. Houveram outros de fora aqui em convite (?) completo somente em 1975. (?) até hoje. Bom o que mais?

Eliane - A minha posição aqui é essa entrevistá-lo, colher dados para depois fazer uma entrevista com o senhor para abrir isso aos pesquisadores, pode ser na área de Medicina, pessoas que estejam mais voltadas à área de História da Ciência. Agora eu gostaria que vocês se apresentassem.

Covian - Eu vim aqui em 1955 era o 3º ano da Escola (?) e fiquei até agora. Vim de Buenos Aires, me formei em Buenos Aires, meus professores foram o Houssay, prêmio Nobel, Braun Menendez excelente pessoa (?). Bom vim aqui, encontrei gente excelente, mas que não fazia pesquisa, então meu papel principal foi iniciar a todos em pesquisa. (?) Henrique que foi o nosso (?) em bioquímica, Venâncio, que morreu, César que está professor em São Paulo, outro que fui professor, está em Campinas, de fisiologia. Como se chama?

Anette - Negreiros de Paiva, que deve estar aposentado.

Covian - Negreiros de Paiva que está aposentado. Bom, três ou quatro mais. Com eles iniciamos os trabalhos do laboratório, pesquisa da Rockefeller Forças Aéreas Americanas, e se foi formando isto que você vê agora, que não era assim (?). Tanto eu como o grupo (?) em fisiologia. Depois (?). Você, Antunes, (?). Bom, onde eu tinha parado.

Anette – O senhor havia falado de todas as pessoas que chegaram ao Departamento, e das linhas de pesquisa desenvolvidas.

Covian - Linhas de pesquisas, já falamos nisso. Tivemos muitas perdas, muito sensíveis, com Maria Lico que trouxe de Buenos Aires, Marcezan que também trouxe de Buenos Aires e finalmente, dois jovens: Venâncio, morreu, (?) na parte de rim, Gabriel. De mais que o Departamento teve uma baixa grande, mas pouco a pouco se foi recuperando e agora o departamento tá (?) muito boa, porque tem gente muito boa. Enfim, agora no Departamento (?) morre, nasce. Você veio de onde Anette?

Anette - De Florianópolis, quer dizer eu fiz uma graduação em Florianópolis em Medicina.

Eliane - Seu nome todo?

Anette - Anette Hoffman. Eu cheguei em 66.

Covian - Em 66. Você chegou a trabalhar com Maria Lico. Não?

Anette - É. E com o senhor.

Covian - Sim. Comigo sim.

Anette - Lembra-se que fazíamos aqueles experimentos de condicionamento em coelho anestesiado?

Covian - Sim.

Anette – Depois.

Covian - Publicamos esse trabalho, não?

Anette - Como?

Covian - Publicamos esse trabalho?

Anette - Sim. Foi publicado.

Eliane - E com gatos você chegou a fazer experimentos? Me parece que o professor fazia com gatos.

Covian - Sim. Com gatos.

Eliane - Foi o doutor Martins que me disse.

Covian - Sim.

Eliane - Que ele fazia experiência com os gatinhos.

Covian - Sim. E depois você com Maria Lico achou a linha da dor.

Anette - É neurofisiologia da dor. Aliás o senhor participou do trabalho pioneiro que foi feito dentro dessa linha, se lembra, era estimulação da área aceptal de cobaio.

Covian - Ah! Sim.

Anette - E abolição de uma resposta nociva.

Covian - Puxa, que tempo! Faz um tempinho já. O que mais?

Eliane - O senhor veio para cá antes ou depois de já ter sido fundada a Faculdade de Medicina?

Covian - Acho que eu vim no 3º ano.

Eliane - O professor Zeferino Vaz ainda estava aqui?

Covian - Claro, foi ele quem me convidou. Eu tinha vindo aqui para uma reunião em São Paulo, convidado a dar uma palestra, devia um aviso (?) queria Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, então me convidou para vir para cá e (?) assim vim com vários amigos e aqui vi o Zeferino Vaz, que impressionou (?) muito bem a palestra que ele deu (?) conhecia muito bem a Universidade, conhecia muito bem a gente que ele precisava para a universidade e me lembro que deu uma palestra no centro médico e tinha havido aí um (?) que tinha conhecido em (?) e depois agente saiu e (?) conversando com Zeferino Vaz, terminou a conversa, saiu e (?):

- “escuta, que tanto vocês estavam falando com Zeferino?”

-“está falando de você”.

-“de mim? que?”

-“estava falando que homem aqui para Ribeirão Preto é você”.

-“não, não seja louco! se eu sair de Buenos Aires é para ir para os Estados Unidos”.

-“(?) me fala, Zeferino dizia:

-“escuta, este...eu convido você para vir aqui, o senhor te convidou (?) que era um colega do próprio Houssay e outro espanhol que naquela época, e ainda (?) digam, não ainda que forem outros você vem para cá.

-“Bom, tem que consultar agente lá, consultei com Houssay, (?)

-“bom, você pode por 3, 4 meses (?)... não tem que ter (?) no departamento, ser responsável por ele (?) e depois você volta para cá, e assim acertei e vim aqui, esses 3, 4 meses já vão que... quantos anos, 35 anos que estou aqui. Esta é um pouco da história da minha vida aqui . E... bom, em (?) em 60 comecei a trabalhar com o grupo que está aqui e foi seguindo a linha de trabalho que na época viajou muito, inclusive à Índia por (?) um convenção internacional de fisiologia, era presidente da Associação Latino Americana de Fisiologia e aqui...

Anette - por duas gestões, não, o senhor foi presidente.

Covian - duas ou três, não sei.

Anette – ou três.

Covian - ...e aqui fizemos um congresso em que veio Houssay, me lembro, muito bom congresso. Bom, o que mais? Podem falar, o que mais querem ?

Eliane – O senhor trabalhou bastante tempo com o Houssay?

Covian - Sim, me iniciei como estudante com Houssay e continuei como médico, de início, muito tempo sim, (?)

Eliane - Você gostaria de ressaltar alguma coisa importante, já que você trabalhou com ele tanto tempo?

Anette - É. Sei lá se eu fosse falar do professor Covian, além do lado científico que eu acho que ele já falou bastante disso, eu diria que o professor é uma pessoa que tem uma cultura humanística muito grande. Uma pessoa que sempre gostou e sempre foi um grande conhecedor de música, música clássica, também de tango, gosta muito de tango.

(risos)

Covian - Sobretudo quando jovem.

Anette - Sobretudo quando jovem. Além de conhecer muito a problemática universitária, acho que foi uma pessoa que sempre se distinguiu pelas posições corajosas que assumiu ao longo de sua vida universitária, inclusive, em função disso, recentemente ele foi homenageado pela sessão local da Associação dos Docentes da ADUSP e a sala onde está sediada a ADUSP aqui no campus, leva o nome dele, eu acho que foi uma homenagem muito justa. Então como eu dizia, ele conhece muito filosofia da ciência, aliás todos os anos, quando ao final do curso que a gente dá o curso de neurofisiologia que a gente dá a pós-graduação, o professor Covian tem um espaço especial, um horário especial, no qual ele dá uma palestra aos alunos sobre a inter-relação mente-cérebro. Então a palestra é sempre aguardada assim com muita ansiedade por todos.

Eliane - Ele dá esta palestra todo ano ou a cada semestre?

Anette - É todo ano, ao final do curso de Neuro-fisiologia da Pós-graduação.

Covian - O ano passado eu não dei, porque estava doente.

Anette - É estava doente.

Eliane - Então esse ano o senhor tem que dar duas vezes?

Covian - Pena que Antunes não está. Antunes conheceu uma parte que você não conheceu, Antunes era estudante, porque Antunes foi meu estudante de 2º ano e peguei ele depois para (?), fisiologia, começou a trabalhar com a gente ajudando e depois nunca fez parática médica por que começou, se formou e já se juntou ao Departamento.

Pois bem, uma coisa quando você foi lá me lembrar uma coisa. Não dá. Não me lembro o que era. Interrompo um pouquinho, a (?) ele me conheceu (?) na Índia em Nova Deli um simpósio, Congresso Internacional de Fisiologia e eu dei uma palestra, então depois veio falar comigo, que ele queria trabalhar comigo. (?)

Anette - Cinco anos. Agora que eu olhei para aquele quadro me lembrei de sua estadia nos Estados Unidos.

Covian - Em Baltimore, John Hopkins.

Anette - Onde o senhor posteriormente, quer dizer a questão de oito anos, recebeu uma comenda que eu não me lembro exatamente que nome que leva aquele prêmio lá.

Covian - Eu tenho em casa. Lindo. Isso é um diploma. Uma medalha de ouro muito bonita que (?).

Anette - E que se distinguiu internacionalmente, porque não são todos que passam por John Hopkins.

Covian - É verdade. É bonita. Tenho em casa.

Eliane - Ele recebeu de onde?

Anette - John Hopkins.

Eliane - Estados Unidos?

Anette - É.

Covian - Em Baltimore, EUA,(?) recebi vários, inclusive cidadão ribeirão pretano.

Eliane - O senhor se naturalizou brasileiro, não é?

Covian - Ah! Sim. Sou brasileiro.

Anette - Aliás o discurso por ocasião da posse como Cidadão Ribeirão Pretano foi muito interessante e inclusive chocou algumas pessoas, porque o senhor falou alguma coisa. Se lembra do discurso? Aquela frase famosa do padre?

Covian - Do padre?

Anette - Sim.

Covian - Repito para você. (?). E tinha um padre, já morreu, (?), muito simpático, inteligente. “Escuta padre “voy” ou não “voy” a Ribeirão Preto? Porque não sei se vou ou não. Ele que devia vir (?). “Padre que faço (?).” mira na última vez que falo (?). Se você quer ser um homem você vai a Ribeirão Preto, se você quer ser uma merda fique em Buenos Aires. Assim ansioso, porque D. Maria, minha mãe, também me aconselhou isso (?). Claro que era na época de Peron.(?) Roberto, que está em Campinas, disse que convinha vir. Só que eu pensava que fosse por um tempinho. Foram conselhos sábios. (?) Enfim, quanta coisa, heim!?! Bom, isso muito realmente, porque era presidente da Associação Latino Americana de Ciências Fisiológicas, era membro do grupo (?) internacional de Fisiologia, cada ano fazia uma reunião do comitê que se fazia em lugar que está atualmente presente, não lembro se foi (?)...em Londres, ou se foi Paris, então a gente viaja muito e aproveitava realmente.

Me lembro que em Paris, passei uma vez 3 meses (?) amigos de na Colege de France (?).

Anette – era o Le Magnim?

Covian – Alemanha, passei sim, também...

Anette – não era o Le Magnin, o fisiologista?

Covian – Le Magnin, não fui com ele... (?) que foi assim, figuras, Le Magnin, (?) Fressardo (?)

Terminou a reunião ? Werner, nossa entrevistadora, teu nome ? senta ali Werner, senta ali, senta ali Werner é fisiologia de comportamento – Antunes vai chegar. Werner, (?) você fala um pouquinho de sua linha de trabalho.

Werner - Eu trabalho com comportamento, comportamento animal com diferenças individuais, a idéia é verificar se em outras espécies que não o homem, existem diferenças individuais no sentido de que diferentes indivíduos reagem de forma diferente ao mesmo ambiente. Isso é uma característica que no homem é bastante estudada, fala-se em personalidades ou temperamentos e a idéia é estudar isso em outras espécies animais dos resultados que a gente tem até agora, realmente está confirmando bem isso que realmente outras espécies animais também tem diferenças individuais. Isso tem algumas implicações também para o lado do comportamento humano na medida que essas diferenças individuais então no homem, talvez também, sejam coisas muito mais fortes do que a gente normalmente acredita, que não são só coisas superficiais ou coisas aprendidas, mas coisas com a história evolutiva atrás delas.

Covian - Eu vou contar como Werner veio aqui. Porque com a morte de Maria Lico, de Venâncio (?) comecei a enviar cartas imitando (convidando) a vir aqui. Alguns eu conhecia, outros não (?) a vir aqui (?). Recebi uma carta de Werner (?) quem é Werner (?) ele bom, dizem que ele é bom. Na última carta que enviei (?) foi para Werner convidando-o para vir aqui e apareceu Werner. Foi uma aquisição muito boa para o Departamento (?) que está ajudando a gente (?) é atualmente Chefe do Departamento (?). Porque Antunes tem muita coisa a dizer como estudante, porque eu o peguei como estudante (?). Se você quiser fazer alguma pergunta! Porque eu sou péssimo para falar de mim mesmo. (?). Posso contar-te viagem, anedota.

Eliane - Eu não entendo, sou leiga nessa área, mas no caso vocês vão fazendo experiências até descobrir alguma coisa nova, identificar coisas novas, normalmente através de animais. Teve alguma experiência que vocês fizeram em conjunto, que teve grande repercussão, que

significou alguma coisa muito importante, alguma descoberta? Não sei se é por aí, porque eu sou meio leiga no assunto não sei se estou falando alguma bobagem.

Covian - Não. Está muito bem.

Anette - Eu acho professor, que a sua contribuição no conhecimento de fisiologia de área Aceptal foi uma coisa básica.

Covian - Sim. Isso mesmo, área Aceptal (?) do cérebro (?) do qual começamos estimular (?) quimicamente (?). E isso deu início a uma série de trabalhos e abriu campo, ainda agora muita gente no departamento continua trabalhando resultado (?). Antunes na parte (?) endócrina num campo grande, interessante (?).

(fim do lado A, fita 1)

Covian - ...estimulando diversas partes do cérebro e que, (?) resultar (?) artigos, não sei se ainda tenho, porque Houssay me convidou a Buenos Aires na Sociedade de Fisiologia? a dar uma conferência que vi (?) um discurso muito interessante, desses cursos resultam (...) resumi o que tinha feito até isso então, e depois (?) conheci Antunes, você, Anette, você não trabalhou (?) ainda, não?

Não sei, (?) depois eu vejo. Também, (?) tem um artigo sobre universidade que foi publicado em “Ciência e Cultura” que era (?) “que é universidade?” uma série (?) considerações, uma veia Filosófica, sobre universidade. Acho que não são todos (?) algumas partes estão bem corretas.

Mas só isso que se lembra (?) a fala agora de universidade-empresa, aí foram forte, depois em processo...(?). Que mais? Fala você.

Werner - Olha, enquanto o senhor estava falando me ocorreu uma coisa interessante, o papel do senhor como formador de consciências universitárias no Brasil. E eu fiquei pensando assim, isso é uma coisa que eu reparei quando eu vim para Ribeirão Preto. Eu vim, a minha história é mais ou menos assim, eu me formei em 68, fui contratado na USP em São Paulo, nesse mesmo ano e, fiquei lá até 81, quando eu vim para cá. O Departamento de Fisiologia lá é um Departamento que, em princípio, ele é independente deste daqui, ele não tem nada assim, diretamente em comum e, no entanto, existe muita coisa semelhante e na minha formação tem muita coisa semelhante, porque uma das pessoas que foi importante no Departamento de lá que é o professor César (Quinharia?), iniciou as atividades dele aqui

trabalhando com o professor Covian, então foi muito interessante quando eu vim para cá, de repente percebi uma série de coisas que o Departamento de lá tem em termos de concepção de ciência, de importância da ciência, que nitidamente vieram daqui e que eu tornei a encontrar aqui. Então de repente, eu percebi de onde era a fonte de tudo aquilo.

Então eu acho que as repercussões da sua atividade aqui, do Departamento de Fisiologia, sobre Departamentos de Fisiologia no Brasil, provavelmente é muito mais ampla do que a gente imagina, principalmente agora então, através da Pós-graduação. Quer dizer, eu tenho a impressão de que esse modelo de pensamento científico que existe aqui no Departamento e que eu acho com certeza o senhor trouxe para dentro do Departamento é um modelo que está se implantando no Brasil. Então eu acho que essa é uma contribuição que é até difícil assim de medir em termos de quantidade, mas que seguramente se a gente for realmente a fundo na história dela, ela volta para cá como pelo menos um dos grandes núcleos formadores de pensamento científico nessa área.

Covian - Curioso você fala (?) e disse muito bem uma coisa (?) que vou acreditar (?). Eu diria (?) que a origem de tudo é o Houssay, a disciplina do Houssay a tal ponto que fazíamos reuniões de sete da manhã às sete da manhã, em torno de “papers”, trabalhos publicados, agente comentava isso, depois (?). O Houssay e o Braun Menendez são duas grandes figuras com a qual felizmente eu me envolvi.

Anette - É eu acho também que talvez...

Antunes - Professor Covian, desculpe meu atraso!

Covian - entra, entra, entra.

Anette - Não, eu só queria complementar o que o Werner já havia dito com respeito a herança que tivemos assim, do ponto de vista de seriedade científica, de como encarar pesquisa dentro da universidade. Mas eu acho também que tem que ser ressaltado que é no que diz respeito a defesa de certas posturas universitárias e eu acho que essa, também isso, talvez tenha sido uma herança de Houssay, porque eu me lembro das histórias que o senhor contava, que a Maria Lico contava a respeito da resistência que o Houssay teve que fazer na época de Peron.

Covian - (?).

Anette - Então eu acho que esse espírito também se implantou dentro do Departamento e se preserva, graças a Deus, até hoje. Quer dizer, o Departamento sempre foi tido dentro da unidade como um Departamento que sempre defendeu certas idéias universitárias e que sempre se posicionou de uma forma muito valente, mesmo nas épocas de obscurantismo político pelas quais a universidade atravessou.

Covian - (?) Você lembra um assunto aqui interessante. Que uma vez (?) veio um estudante que depois foi nosso doutorando, muito inteligente fugindo, porque a polícia andava procurando ele e me pediu.

Anette - Por razões políticas.

Covian - Razões políticas sim. Me pediu se podia ficar no apartamento (?), ele ficou, ficou por aqui, foi depois nosso estudante, muito bom e são algumas das coisas que o Departamento fez (?). E Antunes agora que você chegou, cada um deles contou sua estória e já contei que você se iniciou comigo. Conta um pouco essa estória que é interessante para a gente saber.

Antunes - Bom, primeiro eu sou um goiano lá da beira do rio Araguaia, 33 dos Carajás, de 1933. Nascido de família de camponês, meu pai era um camarada de 5 meses de escola só, mas que eu considerava um homem culto, culto da vida, da experiência adquirida na universidade popular e ele então gostava de ler muito. Meu pai um dia, quando eu estava com a idade de 6 anos, 1939, falava assim para a minha mãe: “o Zé precisa sair daqui, nós precisamos levar o Zé para estudar”. Então naquela época não tinha nem meios de transporte. Ele falava de Londrina, ele queria ir para Londrina, que Londrina era aparentemente o novo Eldorado do Brasil, naquela época.

Então ele vendeu tudo, naquela época a terra não tinha valor, o indivíduo vendia o que tinha sobre a terra, não a terra. Então naquela época ele vendeu o gado, etc, que havia, foi via Londrina, mas parou em Goiânia.

Em Goiânia, nos primeiros anos ele trabalhou bem, pegou uma profissão que não era dele, um dia ele montou uma merceariuzinha e não sabia dizer não, vendeu tudo fiado, perdeu tudo e depois teve que voltar para o mato de novo. Eu fui delegado a ficar na igreja, nós éramos muito católicos, nós éramos, eu era também coroinha, quase fui padre, meu pai não deixou, achava que essa decisão tinha que ser feita quando eu estivesse na idade adulta,

depois dos 18 anos e fiquei na igreja e a igreja era um lugar que me cativava muito, trabalhava bastante, estudava e tinha uma certa disciplina. Depois ficamos vindo para, terminei o ginásio, científico, vim para São Paulo e a minha profissão era ser médico, ser médico, ser cirurgião, era o que eu queria ser, acho que isso fundamentalmente eram minhas diretrizes maiores, porque a filosofia de poder ajudar alguém, ajudar aqueles pobres, etc. E não é só isso, a postura de um cirurgião, o cirurgião na cidade era o Deus, era o cara que com a mão curava.

Então aquilo impressionava a gente, me impressionou muito e tinha um cirurgião lá muito bom, um médico nosso muito amigo e quando eu vim para o vestibular para cá, “vai, vai para São Paulo que você vai ter um lugar bom para fazer medicina”, que a melhor Medicina era São Paulo ou Paraia Vermelha. Eu optei por São Paulo, por causa do Simão Camelo, porque o Simão Camelo tinha conexões aqui com família, fiz vestibular em São Paulo. Eu fiquei um ano não passei, em Goiânia, o colégio não era dos melhores, talvez o aluno não fosse bom também na época, e passei, fiquei um ano fazendo vestibular e meu pai, também foi uma decisão de meu pai, eu queria voltar para ficar estudando em Goiânia, vir só para prestar os exames outra vez. Ele disse: “Não você fica lá”. São decisões que você precisa, são bem tocadas no momento certo. Ele disse isso fica lá e eu fiquei um ano fazendo cursinho em São Paulo, depois prestei vestibular de novo fiquei como excedente, era um grupo de excedentes e os meus professores achavam que nós tínhamos entrado não, não percam mais nenhum ano vá para Ribeirão Preto é uma Escola nova tem nova filosofia, etc. Quase 40 anos, 34, 54, 91, 37 anos. Vim para cá, 1o ano muito rígido, professor Moura, Anatomia, o professor também é... Werner, não sei se era Werner, é Werner, o (Lison?) muito rígidos. Pessoal muito firme, não rígido, mas muito firme, imprimindo uma filosofia científica muito boa. Eu tive um professor que infelizmente, foi vice-reitor, faleceu recentemente como vice-reitor professor Cruz na época me pegou, -“olha vem fazer anatomia”. Eu quero aprender anatomia porque eu quero ser cirurgião e fiz nas férias.

O 2º ano então chega o professor Covian, daí para frente, o professor Covian rígido demais, também hoje é uma mãe, hoje é avô, não é mais mãe é avô e eu lembro de certas passagens aqui de que a parte experimental, controle, protocolo, fazer o experimento como cuidar dos animais, hoje essa polêmica dos direitos dos animais, como tratar os animais,

aquela questão ética, toda polêmica. Doutor Covian deixava bem claro para a gente e, se deixasse um animal fora do lugar em más condições no dia seguinte, era puxada a orelha de uma forma assim bem “isso não se faz”. “Isso não se hace”. (Risos)

Bom eu lembro disso, me aconteceu isso uma vez e o que foi importante para a gente na fisiologia durante o curso foi que aqui como tinha e tem, tem inspira um ambiente científico de liberdade intelectual, capacidade de trabalho, quer dizer, existem exemplos que é o que está faltando, a meu ver, na maioria dos setores da nossa vida pública e privada também. Falta de exemplo carismático que nós não temos, nós não temos hoje naquela época tinha, ainda hoje nós temos a felicidade de ter o doutor Covian aqui conosco. Então isso foi muito importante na minha decisão, porque eu continuei trabalhando, durante todo o Curso Médico, como monitor, era uma monitoria, era mais para me sustentar do que, o professor dava, não sei se era 5.000 cruzeiros, era um dinheiro que dava para pagar a comida na pensão, isso foi muito bom. Mas tive a chance de ao longo do curso procurar ser sempre um bom estudante, na época do curso de graduação e no final eu decidi que realmente era fisiologia que eu gostaria de fazer. Meu pai não entendeu na época, também não entendeu porque achava como um médico se forma, demora para fazer um curso desse, para se formar e na hora de aplicar os conhecimentos fazer... vem fazer Ciência que não via bem a ... Mas então foi uma decisão muito importante naquela época, e que eu hoje ainda digo, quer dizer, o que está faltando é essa dedicação total para que o ambiente seja um ambiente que cative, que catalize a formação de vocações. Nós temos tido problemas aqui particulares dentro da nossa instituição do curso CB?, mas uma grande coisa que nós temos percebido é que falta motivação de muitos pesquisadores para catalizar, para absorver esse pessoal, como iniciação científica, uma série de outros. E naquela época, o professor Covian nos deu muito e até hoje nos dá e a fisiologia passou por uns maus pedaços, eu diria assim na sua evolução histórica, aposentadoria do professor Kreger, da saída do doutor Milhorine e o falecimento de três, eu acho que vocês já devem ter falado sobre isso, professor Werner, professor Covian e Anette.

Nós passamos por uma fase em que o meio de campo começou a ficar sem os seus bons jogadores, não é isto? E tinha só gente jovem, hoje esses jovens já assumiram a posição de meio de campo para frente. A gente vê o Departamento como um dos melhores

Departamentos do país, acho que não tem dúvida nenhuma, dentro dessa Instituição. Eu não estou falando isso como elemento do Departamento, mas vendo a Instituição como um todo, o comentário que se tem que é um dos melhores Departamentos, um dos que está produzindo mais dentro da Instituição, acho que a renda per capita nossa, quando eu digo renda entre aspas é a produtividade per capita é uma das melhores da Instituição e tem a perspectiva diante da chegada dos jovens que estavam no exterior de incrementá-la ainda mais.

Tem as suas novas áreas que estão sendo criadas aqui dentro e indo para uma área nova que está usando a tecnologia da Biologia Molecular, isso nós vamos, graças aos jovens que estão aqui, nós vamos continuar mantendo. É essa a nossa esperança e eu acho que tem muitos indicadores que isso nos levará a isso. E dentro do país a gente compara, por exemplo, o Departamento sob a orientação do professor Covian, é responsável, foi responsável e continua sendo responsável pela formação de pesquisadores para a maioria das Escolas Médicas desse país, paraticamente se a gente fizer uma análise tem esses dados aí procurando, existem paraticamente em toda Escola Médica tem um indivíduo, um pesquisador oriundo da nossa Escola, não só no nosso país como fora, agora fora já não é tanto, mas tem pesquisadores formados pelo professor Covian, inclusive nos Estados Unidos, no Japão, na Índia. Eu acho que o senhor tem contribuído. Eu acho que a semente que ele deixou, continua aí na mão dos jovens nosso e nossa também, me considero um jovem ainda.

Eliane - Isso vai passando.

Antunes - Isso vai passando. E o fundamental eu acho que é a filosofia universitária, é a vida universitária, é estar aqui porque gosta daqui fazendo aquilo que gosta e não como um cabide, eu acho que isso é uma coisa fundamental.

Eliane – É, eu acho que na época de vocês isso era muito complicado.

Antunes - Era. Não tinha suporte.

Eliane - Porque não se tinha tradição de se fazer pesquisa, você era um médico e ao mesmo tempo você tinha que dar aula, para você poder se dedicar a pesquisa você tinha que clinicar, para conseguir sobreviver.

Antunes - Não tinha suporte financeiro.

Eliane - Hoje você ainda tem os “cargos de pesquisador”, então você está ali, está recebendo para pesquisar.

Antunes - Exatamente. É isso aí que eu queria.

Werner – É e eu acho que nem sabia, eu acho que muitos poucos centros vieram com uma tradição de pesquisa mesmo. Porque eu acho que muitos, principalmente nas Universidades Federais, teve muitas que se formaram a troco de nada, quer dizer, simplesmente contratando gente para dar aula e atividades de investigação científica, zero, não existia, não tinha nem modelo.

Eliane - Acho que nenhuma, o começo foi mesmo com a medicina de São Paulo, aqui e acredito que na UNICAMP. Não sei se nessa área.

Anette - Eu não sei talvez até mais antiga em pesquisa é o pessoal do Rio, porque nós temos lá um fisiologista, o (Tales Martins?) com o início do século. Acho que é bem anterior a fundação.

Antunes - O (Tales Martins?) e anterior ao professor Covian.

Werner - E os irmãos Osório.

Antunes - As escolas sim, as escolas foram dos irmãos Osório e do Franklin Moura Campos, duas escolas clássicas, a terceira eu não me lembro.

Werner - E na Paulista o Galvão.

Antunes - Mas o Galvão veio do Osório, vem da mesma linha, da mesma família.

Covian - Curioso porque o Houssay quando foi (?) falava dos Osório, irmãos do Martins que teve em Buenos Aires e de Franklin Moura Campos.

Antunes - Esse teve formação no exterior, nos Estados Unidos, etc.

Werner - Tem uma coisa, enquanto o Antunes estava falando, também me ocorreu. Eu acho que o Departamento de Fisiologia aqui apesar de estar se desenvolvendo atualmente como um Departamento de grande produtividade é um Departamento que tem como característica, que talvez diferencia ele de outros setores da Universidade, a cordialidade de relacionamento e eu acho que isso também é uma coisa que em grande parte nós devemos ao professor Covian. Eu cito nesse sentido uma frase que para mim é lapidar: é a concórdia dentro da discórdia, é a possibilidade da gente discordar às vezes frontalmente e mesmo assim manter um relacionamento cordial com a pessoa. Eu acho que esse é um ensinamento

que em muitos lugares se perdeu em troca de uma produtividade que talvez não acabe resultando muito grande porque a competitividade fica tão grande que no fim o antagonismo substitui a produtividade. É mais importante pisar no outro do que subir. Eu acho que o Departamento aqui nesse sentido eu acho que também marcando meio posição eu acho que em relação a outros centros, consegue fazer isso, quer dizer, consegue manter uma alta produtividade com grande cordialidade, eu acho que isso é uma coisa muito importante.

Eliane - Quer dizer, ele conseguiu criar uma geração de pessoas que se respeitam. Conseguem produzir porque existe um respeito científico, uma série de coisas que está passando. Isso é importante porque hoje em dia a gente percebe que não existe mais isso em área nenhuma.

Werner - É.

Anette - E é verdade isso, porque quando a gente sai daqui, a gente percebe isso.

Antunes - E esse é um ponto interessante, porque o latino-americano, não sei de onde vem essa estória, da gente ser muito personalista, gostar das suas coisas. Nós temos o meu laboratório, as minhas coisas, isso é o que eu consegui, não deixo os outros usarem, etc etc. Apesar disso, aqui dentro do nosso setor isso é muito mais aberto, a gente vê a colaboração entre grupos, no sentido de que haja, por exemplo, a interação e o desenvolvimento tecnológico no setor tem pode outros pensam num problema que precisa daquela técnica etc, e obtém a colaboração muito fácil, não existe muito problema.

E não é o que existe de uma forma assim bem generalizada nas outras instituições. Eu digo assim em outros grupos. Tem um posicionamento que a gente que tem uma técnica acha que tem que segurar aquilo para você porque senão se você disseminar isso você perde o seu poder e não é bem por aí, não é por aí. O papel da gente é quanto mais disseminado os conhecimentos melhor vai ser para o país e por isso que eu discordo muito e de muita gente, ah! não, eu vou preferir ficar nos Estados Unidos porque lá eu produzo mais, eu produzo mais, não é isso? Mas aquele cabedal, isto é, aquele papel que ele deve para o país que o formou ele está devendo para o país, está certo?

E isso é uma coisa que o professor Houssay também tinha uma frase que eu tive uma discussão um dia aqui com um dos nossos amigos daqui do Departamento que o cientista não tem pátria, isto é, a ciência não tem pátria, mas o cientista tem.

Eu acho que nós devemos, nós temos um dever de proporcionar o desenvolvimento científico do país, colaborando com isso. É claro que nós não vamos desenvolver o país, mas que nós somos responsáveis pelo desenvolvimento do nosso meio, do nosso setor, do nosso laboratório, formando gente e produzindo conhecimentos novos, eu acho que isso é fundamental também.

Isso a gente tem experiência de outros países, como o Japão, por exemplo, que as coisas são, apesar de individualista na produtividade, mas são muito mais comunitários na utilização dos bens, dos bens físicos, equipamentos, etc. Aqui nós não temos isso ainda, aqui nós não temos assim. Os equipamentos ainda são do pesquisador, é claro que os outros podem usar, mas depende sempre daqui, a ciência, não existe uma política de manutenção de grandes coisas, de grandes equipamentos centralizados, como técnicos responsabilizados por aquilo de tal forma que possam ser utilizados por todos. Quer dizer, isso nós não temos. Aqui mesmo ainda nós, vivendo assim a parte da fisiologia hoje nós estamos numa fase de multiplicação e cristalização, não é doutor Covian?

Covian - É.

Antunes - Nós estamos, o país está cristalizando núcleos que estão reproduzindo atualmente, novos grupos estão atuando com novos grupos formadores de recursos humanos e de produção científica aqui pelo menos na área de fisiologia tem um bom número de grupos de pesquisa formados aqui pelo Departamento.

Covian - O que mais você espera de nós?

Eliane - Não sei se tem mais alguma coisa que vocês gostariam de registrar quanto ao transcorrer do trabalho do professor Covian aqui em relação as pesquisas ou mais alguma coisa. Formação no caso dos alunos ficou mais ou menos claro, em termos de pesquisa, organização de tudo isso aqui.

Antunes - Eu acho que tem um ponto aí que deve ser ressaltado. Eu acho que inclusive o doutor Covian quando veio para cá em 1954 ele trouxe uma preparação que é do animal (decodificado?) do animal (decodificado?) nesse animal (decodificado?) uma das primeiras

coisas que ele começou a investigar aqui foram as alterações neuro-vegetativas endócrinas, pressão arterial.

Bom, naquela época ele demonstrou aqui junto com o doutor Milhorine, com o doutor César, inclusive eu como aluno tinha um trabalho que ele me orientou vendo a parte de alterações do ciclo (estral?) da rata e da função da gônada, então o que a gente de vez em quando comenta e nós fizemos isso naquela apresentação para a Congregação ou para o Colegiado aqui no dia que lhe outorgaram o título de professor emérito, vários pontos-chaves que hoje estão na crista da onda como linhas da investigação científica foram abordados naquele momento. Uma delas era o papel do sistema nervoso central no controle do equilíbrio (hidroeletrólítico?) da pressão arterial outro foi da fisiologia da reprodução, neuroendocrinologia da reprodução, do comportamento e do equilíbrio do metabolismo de hidratos de carbono e lipídios, principalmente de hidratos de carbono, aquilo foi em 50 e poucos, 54, 55.

Hoje, por exemplo, são, estão em evidências os projetos feitos pelo grupo nosso aqui como também de outros grupos mostrando que o sistema nervoso central participa no controle de todas as funções através de neurotransmissores, etc.

(fita 2, lado A)

Acho que o que eu gostaria de ressaltar no momento aqui é que nós tivemos em mãos, não é isso, muitos utilizaram os ensinamentos naquele momento e até certo ponto, em alguns casos, foram até pioneiros no campo da investigação neuroendócrina ou neuro, neuroendócrina eu estou falando num sentido amplo, não é só neuroendocrinologia não, de sistema neurovegetativo, na modulação de várias funções, por exemplo um dos dados que o sistema central controla a glândula endócrina, por exemplo, o ovário está até poucos anos, agora recentemente mostramos que os mediadores químicos podem modular a ação dos hormônios atuando na gônada, por exemplo. Esses foram projetos de pesquisa da época de 54, iniciado em 54 e que muitos não davam crédito na época, hoje estão constituindo linha de pesquisa de ponta, que eles chamam, controle do equilíbrio hidroeletrólítico, inclusive hoje está tendo um grupo aqui que trabalha nisso, pressão arterial, tem um grupo que trabalha nisso na parte de comportamento, fisiologia da dor também, não é Anette, várias,

lipídico, doutor Milhorine está aí e são linhas de ponta de pesquisa que vieram gradativamente a longo destes tempos. Eu acho que essa é uma observação.

Werner - Enquanto você estava falando, me ocorreu uma coisa que eu acho que também é interessante, que é o seguinte: eu acho que, bom, primeiro eu acho que fisiologia mais e mais está percebendo o organismo como uma coisa única e integrada; em que as diversas funções em lugar de terem papel específico, que o coração funciona como coração, um estômago é um estômago, pulmão é um pulmão, é um organismo que funciona integrado em que as diversas partes interagem. Eu acho que o Departamento aqui e aí de novo uma coisa interessante, talvez por essa característica de convivência entre os diversos grupos do Departamento possibilitou essa possibilidade de visão das várias abordagens de fisiologia dentro de uma coisa única, então eu acho que nós pudemos conversar com os fisiologistas cardiovasculares, com os endócrinos e disso surgem idéias de que de repente a coisa não é cada coisa por si própria mas é um integrado.

Então eu acho que nesse sentido também o Departamento aqui está criando quase que um modelo e a gente vê esse modelo reproduzido, por exemplo, no ensino, que nós, temos um setor de fisiologia integrativa tentando ver o organismo como uma coisa só e ver a fisiologia talvez como a ciência que estuda a saúde, estuda os mecanismos pelos quais um organismo se mantém saudável. E eu acho que essa é uma contribuição que a fisiologia ainda tem para dar dentro da medicina. Eu acho que a medicina ainda é muito uma ciência da doença e do tratamento da doença e muito pouco uma ciência da saúde e de como a saúde pode se manter por conta própria, sem precisar até da atuação do médico.

Quer dizer, é a saúde sem o médico. Eu acho que a fisiologia tem esse potencial papel ainda. Eu acho que nesse sentido, eu acho que tem muita coisa que está se juntando agora para criar essa visão de organismo como coisa integrada.

Eliane - Eu não sei se vou falar alguma bobagem. Seria no caso, você não tratar só de coração ou só de estômago, mas você tratar disso pensando na reação que vai ter. Porque o que acontece hoje, você procura um cardiologista porque você está com problema de coração, ele te dá um remédio que faz mal para outra coisa, por exemplo.

Werner - Isso.

Eliane - Então isso vai dando uma reação na outra.

Werner - Ou perceber inclusive que o coração está funcionando mal, às vezes, porque uma outra coisa está funcionando mal então o sujeito tem problema em casa com a mulher dele ou com os filhos dele, tem um problema no coração e vai tratar o coração, quando devia estar tratando do problema do relacionamento dele em casa ou coisas desse tipo.

Eliane - Seria mais ou menos o que é a homeopatia, no caso, que trata de você, claro que é diferente, mas ela procura ver o que que está te fazendo mal e descobrir se a febre que você está tendo, a dor de cabeça que você tem não é emocional antes de ser alguma coisa do teu organismo.

Werner - Eu acho que a homeopatia tem como grande positivo o fato de ela sempre tentar ver o organismo como uma coisa única, funcionando como um todo. Claro que tem discussões sobre o tipo de remédio que se dá se esse é mais eficiente, se aquele é mais eficiente, essa é uma longa discussão que eu acho que também no futuro ainda se vai perceber que provavelmente as duas medicinas a homeopática e a alopática tem indicações e contra indicações. Mas uma coisa que seguramente a homeopatia tem para ensinar até certo ponto para a concepção alopática é essa visão do organismo como uma coisa só, pelo menos na minha percepção da coisa é. Acho que sim.

Anette - Ainda na medida em que a conversa foi correndo aí, é que eu me dei conta que quase todas as linhas de pesquisa atuais, aqui dentro do Departamento de certa forma derivaram do professor Covian. É exatamente. E às vezes de uma forma muito curiosa, por exemplo, a linha de neurofisiologia da dor que aparentemente não tem nada que ver com o que o professor Covian de início fazia aqui no Departamento. Na verdade ela tem... o início dela decorreu de uma experiência que Maria Lico fazia com, estudando área aceptal, que área aceptal realmente foi o professor Covian que trouxe aqui para dentro e ela percebeu que ao estimular a área aceptal ela, a intenção dela era ver outra coisa, não sei o que se estava estudando naquele momento, eu acho que pressão arterial de cobaio, uma coisa assim e o cobaio mesmo anestesiado ele não fica completamente parado ele sempre apresenta movimentos, descargas motoras, etc. Então ela percebeu que ao estimular a área aceptal o animal ficava tranquilinho, etc. E aí que então surgiu aquela indagação, puxa por que isso? etc, e isso aí acabou assim desenbocando nessa linha de modulação da dor pelo sistema nervoso central.

E eu diria até que a parte de comparada veio, isso porque quando eu cheguei aqui o professor Covian me disse: 'Bom agora você vai estimular a área aceptal do sapo para ver o que que acontece?' (Risos) E eu acabei ficando com o sapo até hoje estou com um livro seu a essa altura eu acho que eu já tenho direito, já tenho uso capião sobre esse livro.

Eliane - Direito adquirido.

Anette - É. Naquela ocasião o senhor me passou é um tratado sobre a Biologia dos Anfíbios do (Holmes?) é um tratado célebre assim no assunto.

Covian - Depois me mostra o livro.

Werner – É, e mais uma coisa que eu não sei se o senhor já chegou a comentar no começo, mas uma coisa que me impressionou muito, inclusive nesses anos recentes é a sua capacidade de enfrentar corajosamente, problemas cabeludos na ciência. Eu acho que nesses últimos anos a sua dedicação ao estudo de relações mente-cérebro é uma coisa que seguramente ainda vai marcar história dentro da fisiologia. Porque se o estudo do comportamento já era uma inovação dentro da fisiologia e alguns livros clássicos tipo (Noldegas?) quase que não falam nada de comportamento e atualmente se percebe que comportamento não é só uma coisa de psicologia, mas é uma coisa de fisiologia eu acho que as suas abordagens de relações mente-cérebro daqui a alguns anos seguramente vão marcar a história como abordagens de fisiologia também, eu acho que isso é uma coisa que eu espero estar sendo profético.

Eliane - O senhor ainda está desenvolvendo pesquisas?

Covian – Não, nesse sentido não. Eu diria assim pesquisas de problemas puramente mentais com animais, o animal sou eu (risos). É curioso, não? O que esse assunto seja possivelmente, está sendo estudado intensamente em presente, do ponto de vista filosófico, esse outras vezes do ponto de vista experimental por estar sendo um tema aberto.

Werner - É eu acho que é um campo do futuro. Claro que é um campo onde a metodologia está para ser desenvolvida e é uma metodologia obviamente complicada, não dá para trabalhar com os métodos habituais que a gente tem de ciência. Seguramente a introspecção é um método estranho para nós fisiologistas tradicionais que gostamos de registrar alguma coisa no equipamento, mas eu acho que a coragem do senhor como fisiologista conceituado de dizer não: 'não, eu acho que dá para estudar relações mente-cérebro'. Eu acho que é um

exemplo que seguramente vai levar muita gente a dizer: Puxa será que não dá mesmo? Vamos tentar? Vamos imaginar um método de quantificar isso?

E eu tenho a impressão de que vão sair coisas muito importantes por aí.

Covian - Você me lembrou uma coisa experimental feita no Congresso Internacional de Fisiologia na Índia, Nova Deli, se chamou umas pessoas daqueles que eles controlam coisas que parecem incontroláveis. Então me chamaram um senhor.

“Então, vamos ver se você pode aumentar sua pressão arterial”. Se concentrar, se concentrava e a pressão arterial subia, vamos ver se você aumenta seus batimentos cardíacos, se concentrava... (?) Quer dizer (?) controlar coisas aparentemente incontroláveis através do pensamento. E falando disso, li uma história no momento (?) gostava da fisiol (?) hindu, aquela coisa de um (?) que avisou aos seus discípulos que ele ia morrer no dia seguinte (?) às quatro da tarde. Estive conversando com ele, chegou quatro da tarde e morreu, coisas assim inexplicáveis. (?)

Werner - Imaginar isto em termos de medicina quer dizer, as perspectivas que isso abre para a medicina se isso for efetivamente explorado e transformado em realidade cotidiana, por isso por enquanto é uma exceção, é uma pessoa, é um sábio, um guru que consegue fazer isso. Se descobrirmos um método para tornar isso uma coisa utilizável pelas pessoas isso é de graça. Essa, é uma medicina que não tem contra indicação, não dá efeito colateral, e não dá dinheiro para multinacional que também é uma grande coisa. (risos)

Eliane - Aí não vai dar dinheiro para eles. Então eles dizem: olha isso não pode.

Werner - Isso não pode. Eu acho que essa é uma das razões de isso estar sendo combatido.

Covian - Muito bem. Não sei se isso satisfaz você. Se é o que você queria, mas essa campanha indica que (?) é hora de tomar um cafézinho. (?)

Werner - E só para completar. Eu acho que esse cafézinho é uma das outras instituições do Departamento que são históricas. Porque eu acho que esse são um dos poucos Departamentos que tem duas vezes por dia uma festa, que vai todo mundo duas vezes por dia. Porque tem um café às 9:30hs e outro às 15:30hs. Isso é sistemático, isso é todo dia e todo mundo já está esperando. E é o momento em que todo mundo vai lá e que confraterniza, conversa e resolve às vezes grandes problemas na hora do café.

Eliane – Isso é bom.

Anette - É engraçado porque essa sineta a gente escuta às vezes fora do Departamento, às vezes a gente está numa reunião lá, no outro canto, escuta essa sinetinha aí, fica com aquela vontade...

Antunes – O relógio biológico é que marca...

Werner – as vezes agente tem alucinação de que está escutando

Eliane – e de fim de semana, como é que faz. (risos)

Antunes – as vezes as pessoas fazem o café, quem está aqui faz o café, as vezes tem (?) tomar um café...

Werner – ou mesmo em casa, não é?...escutando o sininho.

Covian – Ela também toma café conosco não é ?

Antunes – é claro...

(vários falando)

Anette - é que o professor não contou para ninguém o que era, mistério

Werner – é segredo...

Antunes - só chamou prá vir aqui. Vou fazer o que... aí chega, tem esse microfone...

Eliane – não é o seguinte, nós estamos montando na UNICAMP dentro do CLE um arquivo em história da ciência, então agente procura pegar arquivos pessoais de cientistas brasileiros. No caso, o professor Covian não é brasileiro mas é naturalizado e dedicou paraticamente a vida dele inteira... então, nada mais do que justo isso. E além dos arquivos pessoais que agente trabalha para abrir ao pesquisador, estamos fazendo uma série de entrevistas também. Então por exemplo, agente faz com físicos, nós fizemos. A última que eu fiz foi com Oswaldo Vital Brasil da farmacologia na UNICAMP, quer dizer, muita coisa do que vocês disseram aqui, ele na área dele, também dizia, e o pessoal que trabalha com ele, no fundo, ele criou também uma geração. Ele foi criado pelo pai e pelo pessoal que trabalhou com ele, Carlos Chagas, aquela coisa toda. Então é super interessante, porque as pessoas tem acesso a isso, essa história.

Antunes – Qual é seu nome?

Eliane – Eliane.

Antunes – Eliane, tem aí do professor Covian, tem aquela... podia pegar com a secretária do Dr. Covian, esse resumo dos pontos chave da ciência, foi um trabalho em grupo em que eu apresentei como chefe do Departamento naquela época na reunião que outorgaram ao professor Covian, professor Emérito, essas principais linhas de pesquisa estão lá. Seria bom passar para você. Ali está mais detalhado.

Covian – Quem tem?

Antunes – a secretária deve ter.

Covian – a nossa?

Antunes – a nossa. Se não tiver eu devo ter, mas só que eu precisaria olhar nos meus arquivos lá. Eu tenho. Mas a secretária deve ter, que ali está resumido toda a produção científica dele, tem a formação de recursos humanos etc, e a filosofia de vida também.

Eliane – é porque eu tinha muitos dados sobre o professor Covian, então eu falei, eu quero ir conversar com ele essa primeira vez, com vocês também que trabalharam com ele. Agora tentar recolher mais material, para ver o que falta, escutar o que agente fez e ir complementando.

Antunes – aquilo dá uma base para você fazer. Elaborar algum documento. Tem umas três ou quatro páginas.

Eliane – Será que está com aquela moça que foi me buscar ?

Coviam – pode ser...

Antunes - É a Lisa, se ela não tiver eu tenho mas não sei aonde está, se está aqui ou na minha casa. Geralmente eu guardo alguns assuntos mais pessoais em casa.

Eliane – então vamos pegar o cafezinho?